

AO «INTELLIGENTE E ZELOSO» EX-GOVERNADOR CIVIL DO FUNCHAL,
THOMAZ NUNES DE SERRA E MOURA



O carrasco do Funchal, que mandou fusilar o povo, foi oficialmente louvado por esse serviço, em nome de sua magestade.
Ora... louvado seja Deus...

A SEMANA



O microbio que, durante uma temporada, constituiu o assumpto obrigado de todas as conversações e de todos os escriptos; esse bom microbio que conquistou foros á gratidão das folhas diárias, visto como, elle foi — e continua a ser — um dos quarenta maiores contribuintes do jornalismo noticioso; esse excellente microbio, mediante a intervenção do qual a cidade esqueceu momentaneamente a politica regeneradora, pela rasão simples de que o mal que sobrevem attenua fatalmente os outros que já existem; esse impagavel microbio, diziamos, foi ha dias despojado pelo indigena das suas prerogativas de assumpto de primeira classe, para ser substituido pelo calor de 36 graus, a quem a cidade conferiu durante quarenta e oito horas o penacho das suas attensões e dos seus cavacos.

Mas o indigena é *mobil qual piuma* do chapéo armado do sr. Fontes, *al vento*, na parada de 24 de julho, que Deus haja, e o calor passou no nosso espirito como os ministerios de transição costumam passar na arcada do Terreiro do Paço...

O microbio voltou pois a tomar o assento que lhe compete na poltrona das geraes attensões, e o calor, por mais que suba na graduação do thermometro, desce a olhos vistos na craveira da nossa consideração...

O certo porém é que o microbio, no aspecto estacionario em que se encontra, começou a fatigar os animos até á saciedade, no que respeita a visitas sanitarias, telegrammas de Marselha e caiadellas de predios, e o indigena, exaurida a esperança de ver entrar-lhe em casa o exotico bicharouco, principiou a coçar-se, fingindo que já o sentia no corpo, e a mandar para os jornaes a noticia de tão faustoso acontecimento.

Em Villa Franca, porque uns sujeitos ingeriram tres ou quatro peras verdes, em vez de comerem apenas duas e em bom estado de maturação, succedeu-lhes o que era de presumir e já tem acontecido a muita gente boa, mediante uma caixinha de pilulas suissas ou outro qualquer especifico relaxante.

A coisa, ao que parece, fez bulha que chegou aos ouvidos dos visinhos do predio, e d'estes aos dos habitantes da praça, e por fim aos da villa toda, que se levantou em peso pedindo misericórdia ao pae do céu e chloreto de cal ao boticario do sitio...

E ahí começa o Luiz d'Araujo a mandar telegrammas horripilantes para Lisboa, dando a entender que já se achava em Villa Franca o cholera *gangetico* nascido nos pantanos das lezírias.

Em compensação, o Luiz d'Araujo, em quanto redigia os telegrammas, não teve tempo para fazer versos.

Tambem, do mal, o menos...

Antes os telegrammas.

*
*
*

Proselyto das theorias do celebre dr. Koch, o sabio professor Adolpho Pisca-pisca acaba de escrever um bello livre sobre o microbio e o seu tratamento mais efficaz, a que deu por titulo: **MEDIDAS CONTRA O CHOLERA.**

Esse precioso trabalho divide-se em tres capitulos, assim denominados:

Capitulo I. — Da perigosa incontinencia da peúga.

Capitulo II. — Do funesto abuso do pente fino.

Capitulo III. — Da perniciosa intemperança do *bidet* e suas fataes consequencias.

O volume é impresso em magnifico papel pardo e leva no frontespicio o retrato do seu auctor.



Em familia:

O creado entra no escriptorio e entrega ao dono da casa a correspondencia chegada de França. D. Aurelia lança um olhar de soslaio sobre uma carta, toda golpeada em virtude das fumigações, e exclama para o marido:

— Tu enganas-me, Adalberto!



O marido. — ?!...

A esposa. — O sobrescripto todo esfaqueado!... Essa carta vem do bairro alto!...



*
*
*

Ante-hontem passou-se, na rua dos Capellistas um incidente curioso de que as folhas diárias não deram noticia e que não podemos deixar de relatar n'esta chronica.

Seriam duas horas da tarde; o calor tropical amolecera o asphalto do passeio junto ao edificio do banco Ultramarino, de forma que os sapatos dos transeuntes enterravam-se pelo chão abaixo como se se andasse a passear na praia de Pedrouços.



N'isto, param á porta d'aquelle estabelecimento os srs. Rosa Araujo e Gabriel Claudio que, depois dos cumprimentos do estylo, entabulam conversação a proposito do microbio.

Entretanto os pés iam-se-lhes sumindo pelo asphalto dentro, e depois dos pés as pernas, e quando deram pela coisa estavam ambos enterrados até á barriga!



Começou a accudir gente no empenho de os puxar para cima, mas, qual carapuça, iam todos ficando igualmente agarrados ao chão!

Ao cabo d'um quarto de hora já estavam perto de cem pessoas á porta do banco Ultramarino, e o numero ia sempre augmentando porque os que passavam acercavam-se tambem, na supposição de que havia *bodo* — como já houve em tempo...

Finalmente apparece um policia a quem o caso cheirou a hydra, intimando por isso os agrupados a que se dispersassem.

— Isso dispersa elle que é curioso, gritou um dos mais enterrados.

— Ah! sim! bradou o policia; pois marchem já para o governo civil, que estão todos presos á ordem do sr. commissario geral!

— Nós estamos presos mas é á ordem do asphalto...

O agente da ordem saltou para o passeio, que lhe prendeu logo ambos os pés; levantou o direito, e o asphalto, a fazer fio como calda em ponto de rebuçado, amoleceu mais deixando-o enterrado até aos joelhos.

Às quatro horas da tarde estavam mais de quinhentas pessoas á porta do banco, todos agarrados, como ostras nos parques do Montijo, quando o sr. Chamiço teve uma d'essas idéas que tornam immortal a creatura.



— Descalcem as botas e fujam! gritou elle da janella da thesouraria.

Todos approvaram a idéa e seguiram o conselho, fugindo em palmilhas de meias, excepto os srs. Rosa Araujo e Gabriel Claudio, que estavam enterrados até á cintura, e tiveram por isso de descalçar mais alguma coisa alem das botas, fazendo n'esse momento revelações que o elegante escriptor calou sempre nos seus escriptos e que o sr. presidente da camara só devêra fazer em camara... reservada...

PAN.

GUERRA DE BOMBEIROS

Tem andado por ahí uma balburdia de mil diabos entre duas corporações de bombeiros de cores differentes — tanto em politica como nos capacetes — chegando a receiar-se que no primeiro incendio em que compareçam aquellas corporações se trave entre ambas duello rijo, que não poderá deixar de ser de mangueira em punho, esguichando-se mutuamente os contedores, o que, n'estes tempos de calor que vão correndo, seria uma aggressão muito para agradecer.

Entretanto, em quanto tocar a fogo na freguezia do espinhaço, pódem as pessoas moradoras no predio incendiado em outra qualquer freguezia apitar á sua vontade, na certeza de que o menos que lhes succede será ficarem torradinhas com manteiga e por cima café canella...

Segundo dizem, e para evitar algum conflicto em pleno telhado do predio em chammass, parece que o sr. inspector dos incendios de Lisboa não consentirá que os humanitarios bombeiros de Portugal, tomem parte activa nos sinistros, o que, francamente, não deve arrelial-os muito, visto que, sendo *bombeiros de Portugal*, estão no seu direito de ir apagar incendios desde o Minho até o Algarve, se isso lhes der na gana e o Assis tiver fogo em casa.



A *Folha Nova*, do Porto, commemorando o decimo anniversario da morte de Guilherme Braga, publica um bom retrato e transcreve uns magnificos versos d'aquelle malogrado poeta, cujo talento singular e character nobilissimo exalta em soberbas phrases. D'esse numero da *Era Nova* foram tirados exemplares em papel especial, sendo a primeira pagina encimada por um symbolico laço de crepe.



Nos Recreios trabalham actualmente duas troupes de leões: os de mr. Seeth, que não passam de meia duzia e cinco dos quaes, por signal, pertencem ao sexo feminino, e os da esplanada, cujo numero é incalculavel, os quaes, depois de se derreterem durante o dia debaixo d'um sol ardentissimo, vão á noite para o quintalorio dos Recreios derreter-se ainda mais na pista da elegante domadora M. J... como lhe chamava hontem o *Diario da Manhã* e que, verdade verdade, tem duas iniciaes muito pouco bem soantes.

A PARADA DE 24 DE JULHO DE 1884



O Antonio Maria, que registrou n'esta mesma pagina a primeira parada de 24 de julho, em Lisboa não pôde deixar de perpetuar tambem agora, por meio do seu lapis, a ultima parada realizada a expensas das hortaliças nacionaes.

UM DIA BEM PASSADO

(Conclusão do numero antecedente)



— Pois vamos para a feira das Amoreiras, com um milhão de diabos!
E lá foram, mas d'esta vez a valer.



Estiveram no gigante, no microcephalo, no ciclorama, no pim-pam-pum; viram tudo, n'uma palavra.

Mas a fome começava a apertar, os pequenos berravam a pedir queijadas e era necessario comer alguma cousa.



— Pois vamos aqui petiscar o quer que seja, concordou o Esperidião annuindo ás reclamações geraes...



— Olá, rapaz, que ha ahí que se trinque?

— Tem vocemecês muito bellamente sopa de feijão branco, lingua guisada com feijão carrapato, linguado para frigr...

A lista do costume.



— Olha lá, ó aquelle, perguntou o Esperidião confidencialmente, que tal está linguado?

— O linguado? está a saltar de vivo...

— Sim?! Pois então traze-nos uns linguadinhos fritos e a competente salada, com rabanetes está bem visto.



Um quarto de hora depois começavam os linguados a entrar pela porta do gabinete e a desaparecer pelas guelhas dos commensaes.

Finda a agradável tarefa, Esperidião deitou uma conta mental aos linguados engolidos para ajuizar da importancia dispendida e chamou o rapaz.



— Prompto, patrão... São 6\$450...

Esperidião respondeu com a mais eloquente interrogação d'um olhar apoplectico.

— Então... explicou o servente; vinte e tres linguados a doze vintens, fóra pão, vinho, salada e rabanetes... E então que linguados! fresquinhos como uma alface...

— Lá isso é verdade, concordaram todos; fresquinhos como uma alface...

Não havia mais remedio e Esperidião pagou a conta.



N'isto entravam pela porta dentro tres sujeitos gravemente vestidos, acompanhados de outros dois que empunhavam grossas bengalas de cana da India: o commissario de policia, o escrivão, o delegado de saude e dois policias secretos.

— Olá, rapaz, exclamava o commissario com voz de trovão; vamos lá a saber d'onde vem este cheiro nauseabundo.

— Ó meu senhor! só se é do barril do lixo que ainda não foi despejado... As carroças não passam por aqui. Um dos policias metteu o nariz no barril do lixo.



— Não é do barril do lixo, contestou.

— Cá está, exclamou o outro; é d'estes linguados. Fedem que tresandam...

O commissario aproximou-se e cheirou os linguados.

— Puff! que pitada! Estes malditos teem mais de quinze dias de pescados...



— Fôra os que mamaram, concluiu o delegado de saude. Ande-me já com isso para o guano!

— Mas então, observou Esperidião pallido de cidra, a minha familia está toda envenenada! Nós comemos vinte e tres linguados iguaesinhos a esses!...



— Comeram? trovejou o commissario, pois é deital-os quanto antes cá para fóra se não querem ir d'aqui direitinhos para a quarentena do Lazareto... Vocemecês estão todos com o cholera no bandulho!!!

Não foi preciso mais nada; abriram-se sete boccas, incluindo a da *Fanfreluche*, e os linguados voltaram n'um pulo para a mesa da taberna, como se tivessem comprado bilhete de ida e volta...



— Conte lá, mandou o commissario; a ver se falta algum.

— Um, dois, trez, quatro... dezesete, dezoito, concluiu o policia...

(Só a menina Adelia tinha comido seis!...)

— Faltam cinco, observou o delegado de saude...

— Esses, confessou o dono da tasca, de olhos baixos; esses comi-os eu... na conta...

À noite, entre os lençoes, segredava o Esperidião para a cara metade Dorothéa:

— O que não me passa da idéa é como a nossa Adelia, tão nova, tão magra, tão franzina, comesse á sua conta seis linguados de posta, cabeça e rabo... Em tão tenra idade parece-me linguado de mais, não te parece menina?...
PAN.

FALTA DE MEMORIA

Andam as testas
Suando em pingos,
Em S. Domingos
Toca-se á missa;
Vae um sujeito
P'lo Rocio fóra,
Que é onde agora
Floresce e viça,
Do rei soldado
Junto á memoria,
Couve, chicoria,
Nabo e nabiça.
Diz ao sujeito
— O que deseja?
A collareja
Que se esganiça;
Mas o patusto
Tem por demencia
Reminiscencia
Muito remissa...
Volve, da estatua
Fitando a loisa:
— Quero uma coisa
Que acaba em *ica*...
— Em *ica*?! torna
Toda gaiteira
A vendedeira
Gorda e roliça;
O meu espirito
Não abocanha
Que coisa extranha
Você cubiça...
Valha-me Deus
E os meus bentinhas...
Será páesinhos
Com linguica?...
Brada o sujeito:
— Que contratempo!
Chorando o tempo
Que desperdiça;
Debalde pensa
Tempo infinito
E de olhar fito
Os ceus derriça;
De venta erguida
— Sorte mofina! —
Cae-lhe a chorina,
Que era postica!
Mas quer a coisa
Que tanto anhela,
E a pensar n'ella
Mais se encarniça;
Dando nas unhas
Rija dentada,
A deslemburada
Memoria atiça,
Até que emfim
Acha, co'a breca!
E berra: — Eureka!
Quero hortaliça!!!

PAN.

OCCORRENCIAS POLICIAES



Segundo a respectiva parte de policia, deram-se hontem á noite no Rocio as seguintes occurrencias: Um *rabete* dirigiu palavras insultuosas a um *nabo* e, passando a vias de facto, deixou-lhe o chapéo n'um *figo* e esborrachou-lhe a *batata*, ficando tão ancho da sua façanha que não lhe cabia um *feijão frade* no nariz.



Foi presa uma *alfacinha-borboleta* que andava a queimar as azas nos candieiros do largo.

Os *alhos* da policia conseguiram catranhar duas *peras*, por suspeitas de haverem palmado a *cebola* da algibeira d'uma *abobora* ainda *menina*.



Fôram conduzidos ao pateo de D. Fradique alguns *tomates* em completo estado de embriaguez.